A primeira, da responsabilidade da Dr.^a Paula França, constou da exposição de vários documentos do Arquivo Histórico Municipal arrolados e apresentados num criterioso Catálogo. A segunda, de que se fez uma folha informativa, de bom gosto gráfico, com coordenação da Dr.^a Maria José Miranda, mostrou aos participantes algumas dezenas de livros sobre o tema em epígrafe. Por último, o Dr. Marco Daniel Duarte ocupou-se da mostra de pintura para a qual reuniu mais de uma dezena de naturezas mortas, ou melhor, vivas, como, num gracioso desdobrável, o jovem historiador de Arte escreve.

Ainda no 1º dia, a Doutora Maria José Azevedo Santos desenvolveu quatro temas: 1º *Fontes para o estudo da Alimentação*. 2º *Do Livro de Cozinha da Infanta D. Maria ao Tratado de Domingos Rodrigues*. 3º *O consumo alimentar: factores económico-sociais e ideológicos*. 4º *As doutrinas da mesa*.

No segundo dia, os participantes, que à semelhança do ano anterior, ultrapassaram o número máximo de inscrições, num acto bem revelador do interesse crescente que este Seminário tem produzido, rumaram à cidade de Seia. Aqui, na Sala das Magnólias, o Seminário prosseguiu com uma excelente intervenção do Dr. Marco Daniel Duarte de que destacamos dois aspectos: *A mesa pintada: formas e símbolos* e *Do pão quotidiano ao Pão dos Anjos*. Da parte da tarde, realizou-se uma interessante e didáctica visita ao Museu Nacional do Pão com a qual se deu por encerrado o Programa deste Seminário cuja Coordenação técnica, a cargo do Dr. Joaquim Correia, garantiu à organização do evento uma qualidade irrepreensível.

Jubilação do Professor Doutor António Henrique de Oliveira Marques

No dia 26 de Novembro de 2003, realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a cerimónia de homenagem ao Professor Doutor António Henrique de Oliveira Marques, por ocasião da sua jubilação como professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa.

Sob a presidência do Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor Fernando Seabra Santos, tomaram assento na Mesa, além do homenageado, o Vice-Reitor da Universidade Clássica de Lisboa, Prof. Doutor António Marques de Almeida, o Vice-Reitor da Universidade do Porto, Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva, os representantes das entidades organizadoras deste acto solene, a Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras de Coimbra, Prof.^a Doutora Maria Alegria Fernandes Marques, o Coordenador Científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor João Marinho dos Santos, a Presidente da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, Prof.^a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, e o Co-coordenador do livro de homenagem *Na Jubilação Universitária de A. H. de Oliveira Marques*, Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem.

Feita a sua apresentação, usou da palavra o homenageado, Prof. Doutor A. H. de Oliveira Marques, para proferir uma conferência sobre os *Rumos da Historiografia Portuguesa*. Com a autoridade que a sua obra científica lhe confere, o Mestre apontou terrenos a desbravar, caminhos a seguir e metodologias a adoptar a todos os que têm por missão o fazer e o refazer a História, nomeadamente nos seguintes domínios: a exumação de túmulos para exames por médicos legistas permitiria esclarecer muitos mistérios do passado; as técnicas de todos os tipos e de todas as épocas, em íntima conexão com a história das ciências; monografias de meios rurais sem esquecer a variedade da paisagem; as cidades como comunidades urbanas; os espaços económicos, os portos, as pontes e as portagens; as tragédias e cataclismos naturais; o clero, a nobreza, a burguesia, o povo; as instituições de todos os tipos; as prosografias (por exemplo, qual o viveiro dos ministros?); os itinerários régios, presidenciais, ministeriais; as relações diplomáticas portuguesas; as bibliotecas públicas e particulares; os uniformes militares; as biografias (boas biografias); a casa, mais histórica do que arquitectónica; o amor, os amores, os afectos.

Num segundo momento, teve lugar a cerimónia de apresentação do livro em sua homenagem, *Na Jubilação Universitária de A. H. de Oliveira Marques*, coordenado pelo Prof. Doutor Luís de Carvalho

Homem e pela Prof.^a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, na qual estão reunidos textos de dez autores, com os seguintes títulos: Armando Luís de Carvalho Homem – «A. H. Oliveira Marques: Percorso Biográfico»; Maria Helena da Cruz Coelho – «A medievalidade na obra de A. H. de Oliveira Marques»; Saúl António Gomes – «Paleografia e Diplomática na obra de A. H. de Oliveira Marques»; João Marinho dos Santos – «A Expansão Portuguesa na obra de A. H. de Oliveira Marques»; Thomas Denk – «As relações Luso-Alemãs na obra de A. H. de Oliveira Marques»; Hipólito de la Torre Gómez – «Oliveira Marques y la Historia de la I República Portuguesa»; José A. Ferrer Benimeli – «A. H. de Oliveira Marques, Investigador e Historiador de la Masonería»; João José Alves Dias – «Oliveira Marques Historiador da *Franquia Postal*»; Luís Miguel Duarte – «História de Portugal e Historiografia na obra de Oliveira Marques»; Maria Fernanda Macedo Nogueira de Andrade (colaboração de João José Alves Dias) – «Bibliografia do Prof. Doutor António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques (continuação – 1982-2003)».

Fez a apresentação da obra a Prof.^a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, em termos tão vigorosos que constituem, em si mesmo, uma circunstanciada recensão crítica, como se pode ver nas suas eloquentes palavras, que se seguem.

Na Jubilação Universitária de A. H. de Oliveira Marques

Apresentação da obra*

Escandindo o tempo, a vida dos homens vai-se pontuando de marcos. Momentos de passagem, livremente escolhidos ou por outros impostos. Actos, que se ritualizam e celebram, para mais interiormente se assumirem e guardarem na memória.

Um marco na vida académica de A. H. de Oliveira Marques nos convoca neste livro. Nele se pretende fixar a lembrança da jubilação da

* Por Maria Helena da Cruz Coelho

sua carreira como Professor Universitário, que as entidades oficiais impõem, completados que forem os setenta anos de vida de um docente. É este um rito de alegria, mesmo de júbilo. Nele se contêm todos os minutos, horas, dias e anos de um trabalho incessante e dadivoso que é a vida de um professor, que perseverante e continuamente investiga e reflecte, construindo o saber, e ensina, repartindo, ano a ano, essa mais-valia científica com os seus alunos.

Comemorá-lo-emos com um livro. Sabendo que “a palavra escrita é o maior e mais invulnerável dos refúgios, porque as suas pedras são ligadas pela argamassa da memória”¹.

Decidimos perseguir o caminho traçado pelo próprio homenageado. Percorremos então, mais do que a sua vida, a sua obra, que, na carreira de um professor, mais por ele fala. Obra que é um todo com o seu autor. Obra que deixa de ser do autor quando se oferece ao diálogo interactivo com os seus leitores.

Serão leitores atentos e conhecedores dos trabalhos de história de Oliveira Marques que aqui nos legarão as suas notas de leitura e estudo. Atendo-se, cada um, a temáticas e épocas da sua especialidade. Na verdade, se a vastíssima obra de um único historiador, Oliveira Marques, abrange todos os tempos e todos os campos de abordagem, a história da história de Oliveira Marques, assim pareceu aos coordenadores deste livro, só em segmentos poderia ser científica e completamente apreciada. Os cortes e recortes são sempre arbitrários e redutores. Neles apenas se pensou dar corpo ao diversificado contributo histórico da ciência que nos legou este polifacetado e copioso Autor.

Sigamos o plano da obra *Na Jubilação Universitária de A. H. de Oliveira Marques* e acompanhemos o pensamento dos seus autores.

O livro abre com um traçado do percurso biográfico de Oliveira Marques, a cargo de Armando Luís de Carvalho Homem. Depois da sua licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1956, acompanha-o na sua inicial carreira e provas académicas nessa Escola, de 1957 a 1964. As questões internas da

¹ Luis Sepúlveda, *As Rosas de Atacama*, 4.ª ed., Lisboa, Edições Asa, 2002, p. 7.

Faculdade e mesmo do país levaram-no a expatriar-se para os Estados Unidos onde, de 1965 a 1969, exercerá a docência nas Universidades de Alabama e Florida. Oliveira Marques regressa a Portugal, mas não conseguirá, de imediato, ingressar na Função Pública. Só em Julho de 1976 será nomeado Prof. Catedrático da Universidade Nova de Lisboa e nessa Universidade se empenhou, de 1977 a 1980, na instalação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, onde, desde então e até à sua jubilação a 23 de Agosto deste ano, exerceu funções de docência e investigação, que Carvalho Homem pormenoriza.

Acentua e desenvolve, por fim, alguns traços maiores da sua personalidade e obra que passam “pela capacidade de atingir a síntese, pela protagonização de projectos colectivos e pela propensão para ‘criar Escola’, deixar *posteridade historiográfica*” (p. 14). Apresenta-o, a concluir, como um historiador desconfiado de algumas práticas interdisciplinares, “que tendam a colocar o historiador em situação de autêntica ‘vassalidade’ face a conceitos e métodos não de todo consolidados... algo indiferente a ‘modas’, ‘modismos’ ou post-modernismos” (p. 16), ele que muito avançadamente no tempo – e por isso sem grande impacto coevo – se dedicava, na década de 60, ao estudo de aspectos do quotidiano em tempos medievais e incitava ao estudo de Biografias e da História das Instituições.

A meu cargo ficou sopesar a medievalidade na obra de Oliveira Marques. Período em que, como acreditam alguns, este historiador atingiu a sua plenitude e se consagrou como expoente maior. Eu não o ousei afirmar, tão vasta, variada e valiosa é a sua produção científica. Salientei apenas a sua genesiaca escrita sobre os tempos medievais.

Percorri as suas obras maiores publicadas na frutuossíssima década de 60 – *A Sociedade Medieval Portuguesa*, mostrando como só duas décadas depois ela se tornou “uma Bíblia” para quem se queria acercar do quotidiano de viver, sentir e morrer do Homem medieval; o *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa*, já com três edições, manual imprescindível no ensino da investigação e escrita da história medieva; os seus *Ensaios de História Medieval Portuguesa* em que reúne estudos novíssimos sobre a história económica, a demografia, a moeda ou a sociedade; e ainda a sua dissertação de concurso para

professor extarordinário *Introdução à História da Agricultura em Portugal* que, de novo, só decorridas duas décadas verdadeiramente se valoriza, relançando os estudos de história rural, marcados, nos inícios dos anos 80, por duas teses de doutoramento por si orientadas, a minha e a de Iria Gonçalves.

Por contraponto, e talvez até com um maior gosto, ele é também o historiador que fez escola na história urbana medieval, reunindo muitos dos seus estudos nos *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa* e dando à estampa, de colaboração, o *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas*. Mas, neste campo, Oliveira Marques é sobremaneira um Mestre pelos seminários de “Cidades Medievais”, que regeu no mestrado de História Medieval da sua Faculdade e pelas dezenas de teses de mestrado e doutoramento que orientou. Prolonguei a análise pela sua produção científica mais recente, salientando os novos campos de estudo que abriu e consolidou. E não deixei de chamar a atenção para certos aspectos da sua reflexão sobre a medievalidade portuguesa, que insistiam no contributo da civilização e cultura muçulmanas na construção da nossa identidade e na caracterização sócio-económica de um “Portugal feudal”, que foram verdadeiras novidades no pensamento historiográfico medievístico do seu tempo. E termino afirmando o que penso sobre todo este seu labor em torno da época medieval: “a produção científica de Oliveira Marques tende a não ser devorada pelo tempo. Imune a modismos, ela assenta nos clássicos pressupostos heurísticos e hermenêuticos da ciência histórica, assumindo-se como uma sólida e perdurável escrita do passado. Escrita que se fundamenta na informação das fontes, se permeabiliza a uma crítica reflexiva, interpretativa e inovadora, e se veicula num português de bom recorte gramatical e estilístico” (p. 44).

Complementa-se este estudo com o de Saul António Gomes, dedicado à Paleografia e Diplomática na obra de Oliveira Marques, como dialoga também com outros, de que adiante falarei, sobre as relações luso-alemãs ou as Histórias de Portugal. Como bem formula Saul Gomes: “os percursos de A. H. de Oliveira Marques pelas ciências historiográficas da Paleografia e da Diplomática espelham a sua acção de investigador multifacetado” (p. 45). Que bem conhece as ciências das fontes suas

companheiras e as metodologias rigorosas e adequadas à edição de documentos.

Põe em relevo o facto de, no início da sua vida como docente universitário, Oliveira Marques ter regido, durante sete anos, a disciplina de Paleografia e Diplomática, havendo mesmo publicado, neste contexto didáctico, em 1962, a obra *Paleografia. Lições dadas pelo Doutor Oliveira Marques no ano lectivo de 1961-62*, precedida por um amplo conjunto de 96 reproduções de documentos. No ano seguinte, edita uma *Sebenta de Paleografia* e, anos mais tarde, em 1987, de colaboração com dois discípulos, sairá a público o *Álbum de Paleografia Portuguesa*, com 158 reproduções de diplomas dos séculos XIII a XVIII, escritos em português.

Paralelamente, noutras obras, não deixa de expender considerações sobre estas disciplinas, sendo porém de enfatizar os artigos que, no *Dicionário de História de Portugal*, escreve sobre “Paleografia” e sobre a história da escrita em Portugal, nas entradas “Apocalipse de Lorvão”, “Aves, Livro das”, “Cartórios” e “Leitura Nova”, que Saul Gomes pormenoriza. Acrescentam-se-lhe ainda, como mais especificamente de Diplomática, os estudos nesse mesmo *Dicionário*, sobre “Cartulário”, “Diplomática” e “Era”, além de vários outros, com destaque para os que abordam “Cortes” e “Inquirições”.

Dá então passagem ao seu labor, no Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, de direcção e contributo na edição das *Chancelarias Portuguesas* – de D. Afonso IV, D. Pedro e D. Duarte – e das *Cortes Portuguesas* – de Afonso IV, D. Pedro, D. Fernando e D. Manuel.

E virá a concluir: “nos trilhos árduos da Paleografia e da Diplomática, a obra de Oliveira Marques é, a muitos títulos, renovadora e fundadora. Não porque se afirme o Autor, naturalmente, como paleógrafo e diplomata exclusivo. A sua seara é mais ampla nas fronteiras epistemológicas que cultiva e na diacronia que gosta de percorrer na sua mundividência historiográfica.

De resto o seu gosto e apreço científico pelas temáticas destas ciências ... medir-se-á, também, pelo incentivo que concede a todos quantos trilham tais campos de investigação” (p. 55).

João Marinho dos Santos aborda a temática da Expansão Portuguesa na obra de Oliveira Marques. Partindo da afirmação do próprio autor, que diz não ser um “especialista em História ultramarina”, vai demonstrar que a sua produção científica ou orientação de trabalhos é significativa, aventando que o historiador se tenha lançado neste caminho “na impossibilidade de interpretar e explicar a história do ‘Reino’ português se excluísse a história do seu ‘Ultramar’”. Procura então esboçar “a arquitectura interpretativa e expositiva em que Oliveira Marques alicerça a visão do(s) nosso(s) Mundo(s) Ultramarino(s), desde 1415 até 1974”, modulada por tempos longos de enquadramento e enfocada a partir de espacialidades diversas, visando captar os ritmos vários do processo histórico.

Na sua obra, a visão continental dialoga com a inter-continental, ainda que sem prescindir da territorialidade própria de cada “conquista”/colónia do respectivo “Império”, reclamando que as escalas macro de análise não fizessem esquecer a “integração na história local e regional nem as características básicas de cada povo e de cada Estado” (p. 63). Em seguida, põe em destaque, demoradamente, diversas cambiantes demográficas, económicas, financeiras, político-administrativas, eclesiástico-religiosas e culturais da reflexão do autor sobre a história da expansão portuguesa e dos Impérios. A rematar não deixa de relevar a admiração que Oliveira Marques manifestou pela vida e obra de Jaime Cortesão, interrogando-se sobre as possíveis interrecorrências de percursos destes dois “notáveis” da historiografia portuguesa.

A Thomas Denk, um jovem universitário alemão, licenciado pela Universidade de Thübingen, que domina muito razoavelmente o português, e conhece com bastante profundidade – e creio que com muito gosto – a produção científica de Oliveira Marques, pedimos um texto sobre as relações luso-alemãs na obra deste historiador. Releu minuciosamente os seus estudos e insistiu na dimensão europeia da história de Portugal em torno das relações diplomático-matrimoniais e das questões económicas que o autor sempre propalou. E antes de analisar a sua obra sobre as relações comerciais luso-alemãs pára na reflexão do frutuoso encontro de Oliveira Marques com a historiografia alemã das décadas de 1950 e 60 e com o futuro orientador da sua tese de

doutoramento, Hermann Kellenbenz. Detém-se, então, longamente na especificação dessa tese, *Portugal e a Hansa na Baixa Idade Média*, percorrendo, com o seu autor, os iniciais caminhos de povos do Norte Europeu até à Península – Normandos, Cruzados e Peregrinos a Santiago – para depois se fixar nos negócios de Portugal com as cidades hanseáticas, mediados por Bruges, nos produtos comerciados e nos mercadores que o viabilizaram. O seu périplo pela obra de Oliveira Marques atenta ainda noutros estudos que focam a ligação da erudição humanística com o pensamento económico, centrada sobretudo em Damião de Góis, e enfatizam, a vários níveis, o papel das relações luso-alemãs ao longo dos séculos, não deixando de aludir ao desafio que este historiador lança aos jovens investigadores para continuarem as pesquisas e estudos sobre a temática. Como o vem a fazer e quer prosseguir Thomas Denk, que vivamente incentivamos.

Logo após, o consagrado especialista Hipólito de la Torre Gómez, da Universidad Nacional de Educación a Distancia, escreve sobre Oliveira Marques e a História da I República Portuguesa. E abre o seu estudo declarando: “não será exagerado afirmar que no conhecimento histórico da I República portuguesa há um antes e um depois da irrupção de Oliveira Marques neste importante período” (p. 161).

Demonstra então como tiveram impacto na comunidade historiográfica as páginas que escreveu no volume II da *História de Portugal*, a obra de equipa que dirigiu, de 1972 a 1979, sobre a *História da Primeira República Portuguesa. As estruturas de base* e finalmente o *Guia de História da 1ª República Portuguesa*, editado em 1981, em que põe à disposição dos estudiosos fontes e trabalhos sobre o período republicano, organizados por temas e devidamente comentados. Não esquece também a importância que para a temática contém o volume XI da *Nova História de Portugal, Portugal. Da Monarquia para a República* e o undécimo volume da *Nova História da Expansão Portuguesa, O Império Africano, 1890-1930*.

Disserta depois largamente sobre as chaves conceptuais e metodológicas de Oliveira Marques, insistindo na “história estrutural” em que sempre quis persistir, e no estudo em profundidade das fontes para produzir uma História da I República com objectividade, ainda que escrita

com empatia. Empatia que bem demonstra Oliveira Marques pelo tempo e regime da I República, como minuciosamente desenvolve Hipólito de la Torre, frequentando os trabalhos do autor.

Muito se interpenetra com esta abordagem o ensaio de José Ferrer Benimeli, da Universidade de Saragoça, sobre Oliveira Marques como Investigador e Historiador da Maçonaria. Afirma, logo nas linhas iniciais, que entre o homem e o historiador houve pontos de encontro decisivos. E um deles foi quando, regressado dos Estados Unidos, entrou em contacto com a Maçonaria, na qual seria iniciado a 24 de Janeiro de 1973. “A partir de então – como escreve – o interesse pela história da Ordem pôs-se em marcha e não tardou em dar os seus frutos no qual acabaria sendo o máximo especialista da história da Maçonaria em Portugal” (p. 133). Percorre então as suas primeiras obras, *A Maçonaria Portuguesa e o Estado Novo*, saída em 1975, *Figurinos Maçónicos Oitocentistas*, de 1983 e diversos artigos que se debruçam sobre os homens e o papel da Maçonaria na política e sociedade portuguesas, muitos deles reunidos no livro, publicado em 1988, *Ensaios de Maçonaria*.

Passa em seguida a deter-se nas obras de síntese sobre a temática, que constituem os dois volumes do *Dicionário da Maçonaria Portuguesa* e os dois volumes, mas o segundo com duas partes, da *História da Maçonaria em Portugal*, obra de que ainda se esperam mais dois volumes, não deixando de visitar alguns outros estudos de menor fôlego que, entretanto, o autor foi dando à estampa. E depois de se debruçar sobre os conteúdos históricos dos seus trabalhos virá a concluir : “a forma de ver a maçonaria e o contexto social em que está integrada singularizam a relação existente entre o professor Oliveira Marques e a sua obra maçónica, tanto a histórica que o converte no historiador actual da maçonaria portuguesa de mais prestígio e renome, como da sua obra vital e de fundador em torno da loja universitária Fénix...” (p. 146).

Justamente o seu discípulo João Alves Dias pensará em Oliveira Marques como historiador da franquia postal. E como expõe logo a abrir, “foi em torno do selo postal que A. H. de Oliveira Marques publicou os

seus primeiros trabalhos de história. O historiador saiu da filatelia” (p. 147).

De filatelia são de facto os seus iniciais estudos, ainda como aluno finalista do liceu e apenas com 16 anos. E isto porque desde criança os colecionava, daí decorrendo, como afirma o próprio Oliveira Marques: “quando miúdo conheci, antes de os estudar no liceu, muitos dos aspectos históricos e culturais do Mundo, graças à filatelia” (pp. 147-148). Desde 1951 começa a publicar trabalhos de filatelia no *Mercado Filatélico* e no *Boletim do Clube Filatélico de Portugal* sobre tiragens de selos das colónias portuguesas, como, desde 1953, colabora no *Jornal República* com uma secção semanal sobre a temática. Em 1954 sai o primeiro volume da *História do Selo Português. 1853-1953*, obra de tal mérito na especialidade que, de imediato, e ainda sem estar terminada, foi premiada. Trata-se não de um catálogo, mas antes de um “esboço histórico das emissões portuguesas”, fundamentado em documentação legislativa e de arquivo. A publicação da obra foi-se alongando no tempo, mas hoje dispomos de uma edição completa deste livro, já um clássico, datada de 1996. Entretanto, Oliveira Marques redigiu um novo trabalho dedicado ao estudo dos *Ensaio e Provas de Selos Portugueses*, saído a lume em 1958. Dedicou-se também aos bilhetes-postais e sobrescritos estampilhados que entretanto os Correios começaram a promover, os quais, em linguagem filatélica, se chamam “inteiros-postais”. Oliveira Marques foi pacientemente “armazenando materiais”, que virá a publicar, em 1985, nos dois volumes do *Catálogo de Inteiros Postais Portugueses*, obra de colaboração com José da Cunha Lamas.

Ao rematar, escreve João Alves Dias: “Se, com o avançar dos tempos, a escrita da História se sobrepôs à escrita sobre a temática filatélica, Oliveira Marques nunca deixou esta por completo. Embora modernamente não tenha investigado... (tem escrito pagelas explicativas de diferentes séries de selos e tem sido consultor para as diferentes emissões a realizar)”. E finaliza: “Se, inicialmente, a Filatelia lhe trouxe muita da cultura que esteve na base dos seus vastos interesses, hoje são os seus vastos interesses e conhecimentos que servem a Filatelia” (p. 154).

No término destas reflexões, Luís Miguel Duarte pensou as sínteses na obra de Oliveira Marques, com particular incidência a partir das suas

Histórias de Portugal e dos seus estudos sobre a *Nova História da Expansão*. Partindo do seu percurso pessoal, busca nos seus primeiros estudos sobre filatelia a sua “maneira ordenada, metódica e paciente de trabalhar”, na sua estadia pela Alemanha os sinais da sua erudição e rigor profundo e na sua passagem pelos Estados Unidos o desenvolvimento das qualidades que o levaram a estudar praticamente todos os temas, todas as cronologias e variadíssimas civilizações.

Abre, como não podia deixar de ser, com a apresentação da sua *História de Portugal*, planeada para satisfazer os interesses dos historiadores americanos e estrangeiros em geral, que queriam conhecer o passado do nosso país, mas de imediato também publicada em Portugal. Afirma não poder fazer o cabal balanço do impacto da obra no ensino liceal e universitário português e na formação das várias gerações de investigadores e do público em geral, embora declare expressamente que “muitos de nós chegaram à história graças a ela” (p. 160). Já com clareza acentua o seu impacto além-fronteiras pelas traduções para francês, castelhano, alemão, polaco e japonês, para além da versão original inglesa, a que se acrescenta a versão em chinês, romeno e italiano da sua *Breve História de Portugal*.

Passa então das histórias mais breves ou sintéticas para as Histórias mais longas, seja a *Nova História de Portugal* ou a *Nova História da Expansão Portuguesa*, evidenciando o papel de Oliveira Marques nestes projectos, a sua dimensão e mesmo influência noutras obras. Quanto à filosofia inspiradora do projecto da primeira obra, assim a define: “uma extrema coerência de todos os volumes, do primeiro ao último, salvaguardadas as especificidades de temas e cronologias, garantida pela efectiva ‘direcção dos directores’..., uma busca de equilíbrio entre a conjuntura e a estrutura, o político, o económico e o social, o religioso, o cultural, o diplomático, o técnico; uma sequência cronológica clássica; bibliografias e problemáticas tão actualizadas quanto possível, redacção simples e escorreita” (p. 163). Lembra que, para além dos treze volumes planeados da *Nova História*, dos doze previstos para a *Nova História da Expansão*, com seis já editados, e a direcção de seis tomos da *História dos Portugueses no Extremo-Oriente*, estas iniciativas

editoriais se saldarão, num futuro muito próximo, pela publicação de 31 volumes, o que, como desabafa, “é obra!”.

Passa, em seguida, à dimensão da produção de Oliveira Marques no domínio da historiografia, relevando o papel dos seus *Ensaio de Historiografia Portuguesa*, da *Antologia de Historiografia Portuguesa* e não menos dos seus *Diálogos com João Pedro Ferro*, que nos traçam o perfil do homem e historiador que é Oliveira Marques. Perfil de historiador que Luís Miguel Duarte sintetiza como possuindo um pensamento arrumado, assente em sólidos alicerces historiográficos e acessibilizado por uma escrita clara, simples e elegante. Historiador que tanto envereda pelas obras de síntese como pelos artigos de análise, ainda que em ambos produza análises profundas misturadas com abundante investigação original e excelentes sínteses.

Este livro termina com uma preciosa Bibliografia de Oliveira Marques, a cargo de Maria Fernanda Andrade, em colaboração com João José Alves Dias, na qual se dá continuação à anteriormente publicada no volume I da sua *Homenagem*, actualizando porém referências a obras cuja 1.ª edição ocorreu em data anterior a 1982 e depois apresentando as obras cuja 1.ª edição teve lugar entre 1982 e 2003.

Pelo que acabámos de expor, será fácil de adivinhar que este livro prima pela variedade, desde a cronologia e temática decorrentes da especificidade da obra de Oliveira Marques até à que se prende com os autores que o elaboraram. Nela marcam presença jovens investigadores e especialistas consagrados. Professores de diversas universidades portuguesas – Porto, Coimbra e Lisboa – e do estrangeiro, de Espanha e Alemanha. Não houve qualquer tentativa da parte dos seus coordenadores – o Doutor A. L. de Carvalho Homem e eu própria – de uniformização. Deixámos inteira liberdade aos autores para escreverem como quisessem acerca do que lhes requeremos. Por isso nele se lê em português e em espanhol e só não em alemão, porque a sua compreensão seria inacessível a muitos. Na variedade da escrita e conteúdo estará a autenticidade de cada texto, mais longo ou mais curto, mais sintético ou mais desenvolvido, que é, em si mesmo, um testemunho dos seus autores. Todo o livro é ilustrado com imagens das obras de Oliveira Marques sobre as quais se escreve.

Nós, os seus coordenadores, estamos contentes com este livro. E agradecemos vivamente aos autores que generosamente connosco colaboraram.

E termino, reafirmando: no que agora publicamos fica o legado da mais viva e sentida homenagem dos que nesta obra colaboram, irmanados com tantos outros que com ela se identificam, no preito de honra e admiração ao completo e representativo historiador que é António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques.

Num terceiro momento, passava das 18 horas, foi inaugurada e aberta ao público, na Sala dos Conselhos, uma *Exposição sobre a obra de A. H. de Oliveira Marques*, a cargo da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

À noite, no Palácio de S. Marcos, foi servido um requintado jantar, onde, em são convívio, o homenageado pôde sentir o calor e a admiração de muitos dos seus colegas, discípulos e amigos que se quiseram associar a este acto jubilar.

José Manuel Azevedo e SILVA

Mesa Redonda sobre Tendências da Historiografia Brasileira

No dia 3 de Dezembro de 2003, pelas 16 horas, na Sala 9 da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizou-se a *Mesa Redonda* em epígrafe, com o patrocínio do Centro de História da Sociedade e da Cultura, o apoio do Conselho Directivo da Faculdade de Letras e a organização dos Institutos de História e Teoria das Ideias e de História da Expansão Ultramarina. Foram oradores na referida *Mesa Redonda* quatro ilustres professores brasileiros do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, os quais abordaram as diferentes áreas da historiografia brasileira.